

# (Des)colagem de pautas raciais: uma experimentação conceitual em Análise do Discurso para a manutenção de discursos neoconservadores

## (Un)sticking racial agendas: a conceptual experimentation in Discourse Analysis for the maintenance of neoconservative discourses

Maria Aparecida Izídio<sup>1</sup>

Anna Biatrys Moura<sup>2</sup>

André Monteiro Moraes<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo refletir sobre os desdobramentos dos discursos (neo)conservadores produzidos pelo digital no campo da Análise de Discurso. Para tanto, leva-se em conta alguns conceitos e noções que foram produzidas e/ou que tiveram desdobramentos a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso Digital. O artigo também propõe discutir, a partir da noção de resignificação (Paveau, 2021b) e de revascularização (Lourenço; Baronas, 2021), as práticas tecnodiscursivas formuladas no meio digital com enunciados sobre racismo reverso, mais especificamente uma postagem no Instagram e no Facebook e os respectivos comentários publicados em cada uma das postagens. A análise se dá na busca de uma teorização que possa subsidiar os estudos sobre a materialidade e a manutenção dos discursos (neo)conservadores em ambientes digitais. Denomina-se essa teoria de (des)colagem, construída com o uso de quatro categorias classificatórias que podem ser verificadas exitosamente com os posts sobre racismo reverso elencados para a produção deste artigo e que propõem a análise de discursos (neo)conservadores.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso Digital. (Des)colagem. Práticas tecnodiscursivas. Racismo reverso. Neoconservadorismo.

**Abstract:** This article aims to reflect on the developments of (neo)conservative discourses produced by the digital environment within the field of Discourse Analysis. To this end, it considers several concepts and notions that were produced and/or further developed based on the theoretical assumptions of Digital Discourse Analysis. The article also proposes a discussion, rooted in the notions of resignification (Paveau, 2021b) and revascularization (Lourenço; Baronas, 2021), of technodiscursive practices formulated in digital media involving utterances about "reverse racism" — specifically looking at posts on Instagram and Facebook and their respective comments. The analysis seeks a theorization that can support studies on the materiality and maintenance of (neo)conservative discourses in digital environments. This theory is termed (un)gluing ((des)colagem), constructed through four classificatory categories that can be successfully verified within the posts on reverse racism selected for this article, which propose the analysis of (neo)conservative discourses.

**Keywords:** Digital Discourse Analysis. (Un)gluing. Technodiscursive practices. Reverse racism. Neoconservadorism.

<sup>1</sup> Doutor em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-graduação em Educação, Natal, RN, Brasil. Endereço eletrônico: [andremonteirosje@gmail.com](mailto:andremonteirosje@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Natal, RN, Brasil. Endereço eletrônico: [aparecidaizidio01@gmail.com](mailto:aparecidaizidio01@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestranda em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Natal, RN, Brasil. Endereço eletrônico: [biatrysm2@gmail.com](mailto:biatrysm2@gmail.com).

## Introdução

“Se fosse o contrário?”, se houvesse a possibilidade de inversão de papéis sociais, se de repente, oprimidos tornarem-se opressores, se não existisse desigualdade social? Se não buscássemos as respostas, mas apenas as perguntas? Essa situação hipotética é utilizada repetidas vezes, nos mais diversos espaços discursivos, numa tentativa de justificar enunciados que visam sequestrar e inibir conquistas sociais de outros discursos. É o que nos propomos analisar neste artigo, partindo do enunciado “Se fosse o contrário?” para compreendermos como agem os sujeitos que perpetuam os discursos (neo)conservadores quando o assunto é o racismo.

Ameaçados pelo apagamento de um discurso que fora construído com lutas, normatizações e enfrentamentos, a comunidade negra, com um histórico de vulnerabilidades e tratada como minoria, se viu na situação de ressignificar termos que subjugaram as pessoas pretas para que pudessem lutar por igualdade de direitos, conseguindo, a partir de movimentos sociais, a valorização das produções culturais, o respeito às religiosidades, as conquistas de ações afirmativas, a exemplo da política de cotas nas Universidades, a criminalização da injúria racial, bem como a condenação por crime de racismo como a Lei nº 7.716/1989.

Para entendermos esse processo de ressignificação, em situações de linguagem, nos apoiamos nos pressupostos de Paveau (2021b):

[...] Compreendemos que a ressignificação é um processo de quatro etapas: ferida linguística, reapropriação, inversão e produção da ação. A ressignificação formulada dessa maneira é, por excelência, política, porque ela produz efeitos sobre os posicionamentos dos sujeitos, interpelando-os a agir (Paveau, 2021b, p. 25).

Entendemos que o movimento negro, que deu origem a diversos outros movimentos, como o da “negritude”, atende o processo de ressignificação proposto por Paveau, tendo em vista que a palavra “negro” foi carregada de pré-discursos negativos<sup>4</sup> associados ao luto, à sujeira, ao pecado ou à subalternidade, operando como um insulto ou

---

<sup>4</sup> Há um importante trabalho com *corpora* de dicionários da Língua Portuguesa sobre a associação dos povos negros à condição de escravidão em seus respectivos verbetes (Prearo-Lima e Meira, 2024).

uma categoria de exclusão, gerando o que Butler define de “ferida linguística” e que Paveau utiliza para demarcar o ponto inicial do processo de ressignificação.

Após o surgimento da ferida, o grupo “ferido”, por meio do movimento negro e da militância, elabora uma estratégia de defesa e resistência, transformando o insulto em um emblema de orgulho, como a mudança do vocábulo “moreninho(a)” para o uso da expressão “sou um homem negro” ou “sou uma mulher negra”, não sendo essa uma ação individual, mas coletiva.

De forma análoga à noção de ressignificação, os pesquisadores Lourenço e Baronas (2022) propõem um quadro teórico que abrange percursos alternativos aos obstáculos enfrentados por sujeitos em situação de vulnerabilidade social nas redes digitais. Com base na reestruturação do miocárdio, a formulação teórico-metodológica é chamada de revascularização. Ela explica, a título de ilustração, como os sujeitos se utilizam desses espaços para encontrarem formas de escape a uma situação de sufocamento, a exemplo do pai que, sem dinheiro, conseguiu um meio alternativo, nos meios digitais, para conseguir um bolo de aniversário para a filha. Segundo Lourenço e Baronas (2022),

é possível conceituar a revascularização discursiva como uma obstrução discursiva que precisa ser desviada. Assim, é proposto um percurso discursivo alternativo, para desviar dessa obstrução. Esse percurso alternativo libera o então fluxo discursivo, levando a concretização de um percurso narrativo almejado. Com o fluxo liberado, há uma capilarização discursiva, isto é, a circulação em diferentes dispositivos (Lourenço e Baronas, 2022, p.22).

O que difere a revascularização da ressignificação é que o sujeito não responde a um insulto, ele contorna uma obstrução. Não inverte valores semânticos, mas constrói novas rotas alternativas. Ele não produz reparação de uma ferida, mas reestabelece um fluxo que estava obstruído.

Apesar das diferenças entre ressignificação e revascularização, ambas tratam-se de perspectivas de empoderamento de sujeitos marginalizados frente a estruturas hegemônicas de poder e que se proliferam nas redes sociais. Sabemos, no entanto, que é por essa mesma potencialidade que o discurso neoconservador e o discurso racista operam. Inclusive, as práticas discursivas em que se manifestam tais discursos podem ser

as predecessoras das tentativas de regeneração ou desobstrução (ressignificação e revascularização, respectivamente).

Compreender as noções de resignificação e revascularização são importantes porque elas descrevem como o arquivo da resistência é construído enquanto que há, por outro lado, processos que tentam atacar o arquivo e tentam deslegitimar as conquistas dos sujeitos produtores dos discursos antirracistas, por exemplo, que é nosso caso de investigação.

Se a resignificação e a revascularização mapeiam agenciamentos e pontos de resistência em uma teia de poder, faz-se necessário, por outra via, também apreender as estratégias tecnodiscursivas do caminho oposto (o contradiscurso). Tendo isso em vista, partimos da questão: como explicar o funcionamento de práticas neoconservadoras em que há evidências de manifestações de discurso racista em ambientes digitais e não digitais que operam pela apropriação de agendas de comunidades de sujeitos marginalizados? Essas tentativas parecem se materializar nas lexicalizações como “racismo reverso”, nosso caso de análise, mas também em “cristofobia”, “heterofobia”, “ideologia de gênero” e “cidadão de bem”.

O ensaio de uma formulação de uma prática tecnodiscursiva é um trabalho atual e em constante modificação de uma pesquisa de doutorado em Linguística Aplicada, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da XXXX. Para o artigo, objetivamos uma experimentação do quadro analítico de “(des)colagem”. *A priori*, podemos compreendê-lo como uma enunciação que tenta apagar e neutralizar o arquivo vinculado a discursos de identidades minorizadas e, conseqüentemente, as suas conquistas. Um exemplo das conseqüências dessa tentativas são os ataques à Lei 7.716/1989 (Lei Caó), visando alterá-la por meio de projetos.

Nosso texto está organizado na apresentação das noções teóricas e metodológicas basilares para a formulação de um quadro analítico da prática de (des)colagem, na caracterização de um discurso neoconservador e sua relação com o discurso racista, na elaboração do quadro com as etapas, no exercício analítico com os pequenos *corpus* e nas discussões, seguidas da síntese do preenchimento do quadro com as observações dos casos selecionados.

## Práticas tecnodiscursivas e a estrutura de pequenos *corpus*

Como ponto de partida para a construção de um quadro analítico de um acontecimento discursivo que evoque pautas minoritárias (a racialidade, no caso deste artigo), é necessário que mostremos as lentes de onde partimos.

Nos estudos em Análise do Discurso (AD), as noções mais fundantes são resgatadas a partir dos trabalhos de Marie-Anne Paveau (2021a) dada a sua preocupação com as materialidades digitais, as quais devem ser investigadas sob um prisma próprio e não apenas com o espelhamento das noções da AD tradicional. Isso significa olhar para a produção de linguagem em redes sociais, por exemplo, já que seu foco é a web 2.0 (da interação e do compartilhamento), por um prisma ecológico, cujas produção linguageira e sua circulação se integram à dimensão tecnológica.

Diante disso, Paveau propõe seis critérios de análise que devem ser considerados nos estudos de práticas tecnodiscursivas. De forma mais contundente para a nossa proposta, resgatamos a “ampliação”, a qual justifica a colaboração entre enunciadore, por meio das seções de comentários em uma postagem, por exemplo, e o compartilhamento com comentários. Citamos também a dimensão “compósita”, isto é, a própria integração da linguagem e da tecnologia, como as *hashtags* funcionam pela adesão da cerquilha (#) + palavra. Essa junção permite outra característica dos tecnodiscursos, a “relacionalidade”. Por estarem situados em uma estrutura reticular, os discursos são conectados de uma forma mais autônoma para nós, analistas de discurso, que, com os *corpora* tradicionais, precisamos nós mesmos organizar as relações entre os textos que pesquisamos. Relação esta, na web, que é intrínseca ao código tecnolinguageiro.

Tal correlação possibilita a “investigabilidade”, isto é, a sua busca na rede, dados os rastros que deixamos em nossas navegações. Por fim, a dimensão de “imprevisibilidade” implica que o sujeito enunciador não tem o controle da forma, da circulação e da apropriação de um conteúdo postado por causa da interferência dos algoritmos e de outros usuários. É o que possibilita, por exemplo, o destacamento<sup>5</sup> de um acontecimento discursivo para o processo que estamos chamando de (des)colagem.

---

<sup>5</sup> O linguista Maingueneau (2010, p. 9-24) possui sua categorização de destacabilidade relacionada às “frases sem texto”, que não corresponde imediatamente ao conceito que será tratado neste artigo.

O trabalho de Paveau é fundamental para pensarmos na colaboração entre vários agentes em uma postagem, bem como a circulação tecnodiscursiva de comunidades neoconservadoras. Como dissemos na introdução do trabalho, sua proposta de resignificação (Paveau, 2021b) parte da consideração do funcionamento dos discursos postos em rede, como as possibilidades de interação em redes sociais.

Também mencionado pela autora, e dada a fugacidade da apreensão de práticas tecnodiscursivas, a noção de pequenos *corpus* (definida no parágrafo seguinte) nos é imprescindível para a seleção dos casos de destacamento. Fugimos também de situações generalizantes, passando a identificá-las como pequenos exercícios de apropriação e tentativas de neutralização de agendas de grupos minoritários. Todos eles, apropriados em (des)colagens, capilarizados nas estruturas reticulares (nas redes sociais, especialmente), mantêm os discursos neoconservadores.

Dada a dispersão enunciativa desenfreada dos *corpora* digitais para a descrição de uma prática tecnodiscursiva como a (des)colagem, em contraposição a grandes volumes documentais, partimos do que Moirand (2020), em seu artigo seminal, intitula “pequenos *corpus*”. A técnica metodológica visa capturar pequenos instantes discursivos, os quais, no nosso caso, constituem-se das postagens em redes sociais, mas também é aplicável aos portais digitais midiáticos, tendo em vista que se trata ainda de um terreno muito instável (e instantâneo) para a estabilização de certas categorizações.

Com a recolha desses *corpus*, torna-se possível “constituir uma ‘memória’ desses instantes discursivos [porque] fazem parte da construção das memórias coletivas, e isso possibilita explicar uma sociedade por meio dos acontecimentos pelos quais ela atravessa e seu impacto a longo prazo” (Moirand, 2020, p. 38). Para nós, que visamos apreender as estratégias e as estabilidades pelas quais o neoconservadorismo atua na web, essa constituição de pequenos *corpus* nos permite apreender como tal discurso é capilarizado nesses instantes.

## Os traços de um discurso, o sequestro ou o apagamento de um arquivo

Apesar de Moirand (2020) partir dos instantes discursivos para explicar as práticas porque suas recorrências podem formar acontecimentos discursivos, esta última unidade, a qual envolve suas marcas de condições de emergência e seus jogos de correlações, nos é pertinente para explicar a primeira etapa do processo de (des)colagem. Afinal de contas, no instante em que o sujeito (des)colagista se apropria de uma situação para agir sobre ela e tensioná-la com discursos neoconservadores e racistas aquele acontecimento já é sedimentado por um conjunto de regras que delimitam sua realização.

Tais acontecimentos, então, fazem emergir um arquivo de forma mais ou menos evidente e ele funciona como os elementos do discurso sequestrado (os direitos, as ações afirmativas, os dispositivos culturais) e neutralizado posteriormente. Assim, arquivo é aqui entendido como um plano de profundidade que induz “às possibilidades e às impossibilidades enunciativas que ele conduz” (Foucault, 2008[1969], 147). Ele entra em um jogo de tensões — as tentativas de apagamento — na (des)colagem, tal que esta atua no “descolamento” da superfície e da profundidade.

Uma vez que, como veremos, há a tentativa de um horizonte totalizante, homogêneo, materializado no enunciado hipotético “e se fosse o contrário?”, os discursos neoconservadores e racistas atuam de forma a supostamente apagar as diferenças com os discursos antirracistas. No entanto, como enuncia Foucault (2008[1969]):

longe de ser o que unifica tudo o que foi dito no grande murmúrio confuso de *um* discurso, longe de ser apenas o que nos assegura a existência no meio *do* discurso mantido, [o arquivo] é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria (Foucault, 2008 [1969], p. 147).

Também devido às relações de diferenciação, a impossibilidade de apagamento revela o funcionamento da (des)colagem enquanto prática tecnodiscursiva. Ao tentar promover um efeito de simetria entre posições discursivas assimétricas, o sujeito (des)colagista não elimina o arquivo, mas atua sobre sua legibilidade, justapondo seus fragmentos de modo a produzir uma nova imagem aparentemente homogênea e desprovida de historicidade. Organiza-se, assim, uma tentativa de cisão artificial entre o

acontecimento discursivo e o plano de profundidade que o sustenta, como se o enunciado pudesse existir em um presente autossuficiente, desvinculado das condições históricas que o tornaram possível. No entanto, é precisamente porque o arquivo permanece inscrito no discurso — ainda que tensionado e fragmentado — que a (des)colagem necessita reiterar continuamente suas estratégias de justaposição. Essa prática mostra, portanto, não o desaparecimento do arquivo, mas o embate entre sua permanência constitutiva e as tentativas de sua rearticulação no interior do discurso neoconservador e racista.

Falamos, então, de um embate entre discursos que não apenas acontece em esferas institucionalizadas, onde se produzem e alteram-se as leis, como a Câmara e o Senado, mas que ocorre em espaços tão comuns de socialização como as redes sociais por sujeitos usuários. Afinal, “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (Foucault, 2012[1976], p. 143). O discurso neoconservador e sua relação com o discurso racista é um dos nós desse extenso campo de força em que o embate com pontos de resistência, operacionalizados por estudos discursivos como a ressignificação e a revascularização, formam cisões sempre móveis.

O neoconservadorismo brasileiro contemporâneo consolida-se como um discurso que articula moralismo religioso, liberalismo econômico, nacionalismo punitivista e reatividade às agendas identitárias, de gênero e de raça. Sua configuração recente ganha força no ambiente digital, na midiaticização da política e na emergência de lideranças associadas à extrema direita. Os discursos neoconservadores encontram, nas redes, a possibilidade de atingir o maior número de filiados e mostram que “as grandes dominações são efeitos hegemônicos continuamente sustentados pela intensidade de todos os afrontamentos” (Foucault, 2012[1976], p. 145), isto é, todos esses espalhamentos de situações localizáveis — os instantes discursivos — que configuram tal efeito. Com a formação desses nós nos campos de força, tais discursos acabam por garantir um certo engajamento ao propagar discursos de ódio, de misoginia, de homofobia, de sexismo e de racismo.

Monti (2022) expõe a presença de três movimentos que interligam o racismo ao neoconservadorismo:

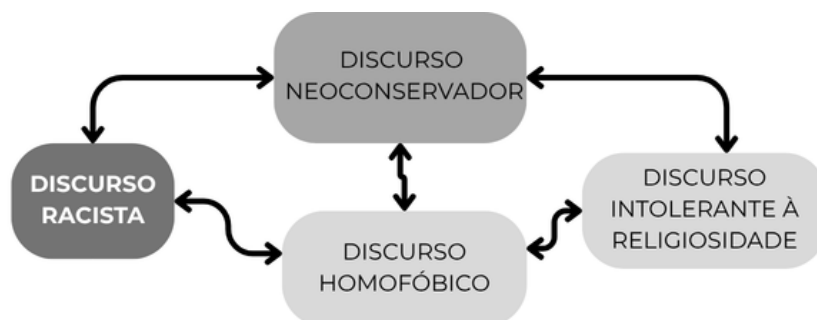
no que concerne à questão racial, o neoconservadorismo brasileiro constrói sua posição a partir de três movimentos discursivos principais: (1) negação ou minimização do racismo estrutural; (2) inversão semântica das políticas antirracistas; e (3) deslocamento do debate racial para a chave moral ou meritocrática (Monti, 2022).

A prática que nomeamos de (des)colagem permite a percepção desses movimentos, em especial a minimização do racismo e a inversão semântica, objeto central desta pesquisa para evidenciarmos o caminho percorrido pelos sujeitos neoconservadores para a manutenção dos discursos, que fortalecem, em última instância — mas também simultânea — a manutenção de dispositivos político-culturais, reiterando exatamente a agenda das políticas antidiscriminatórias, da qual a agenda antirracista faz parte.

## O discurso neoconservador: breves notas para uma categorização

Como dissemos anteriormente, a (des)colagem é uma prática tecnodiscursiva que opera na manutenção dos discursos neoconservador e racista. Mas o que estamos chamando de um discurso neoconservador? E por que estamos o justapondo até o momento? Respondendo ao último questionamento, escolhemos a associação ao discurso neoconservador porque ele funciona como um discurso em que interligam os discursos racista, homofóbico, transfóbico e de intolerância religiosa, e privilegia o quadro analítico que demonstraremos para a reaplicação em situações posteriores. Para ilustração, vemos a figura 1.

**Figura 1.** Relação entre os discursos neoconservador, racista, homofóbico e intolerante à religiosidade



Fonte: elaborado pelas autoras.

O (neo)conservadorismo é um discurso que compreende diversos níveis de atuação política e social e que pode ser sintetizado na citação de Clemente (2021):

Em largas linhas, podemos compreender o conservadorismo como um pensamento que se estrutura a partir da crença em uma ordem transcendental e imutável que rege a humanidade; de valores morais [e religiosos] comprometidos com a manutenção da ordem social; e da **naturalização do conjunto das desigualdades sociais, políticas, econômicas, etc.** Trata-se de um pensamento que se fundamenta no tripé tradição, família e propriedade privada e que, ao longo de sua história, **constantemente se opõe à democracia, à organização e à mobilização social de trabalhadores e trabalhadoras e de outros grupos sociais não hegemônicos**, além de compor e recompor alianças com o liberalismo, em seus distintos matizes (Clemente, 2021, p. 83, grifos nossos).

A partir desse discurso acadêmico, percebemos que uma definição do discurso neoconservador conduz uma dispersão de enunciações em diferentes práticas (tecno)discursivas, como em propagandas publicitárias, campanhas eleitorais, cultos religiosos, propondo uma defesa de valores que privilegiam camadas sociais mais favorecidas socioeconomicamente em detrimento de grupos marginalizados historicamente.

Dessa forma dispersa, o discurso neoconservador promove uma fissura cada vez mais profunda entre os sujeitos que exigem os seus direitos e o reconhecimento nas esferas sociais e aqueles (neoconservadores) que os negam. A título de exemplo de uma manifestação do discurso racista no discurso neoconservador, trouxemos um *tweet* do ex-presidente Jair Bolsonaro, sujeito do discurso político que produz enunciações que o filia ao neoconservadorismo.

**Figura 2.** *Tweet* de Jair Messias Bolsonaro



Fonte: @jairbolsonaro no X<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://x.com/jairbolsonaro/status/1291831783663828993>. Acesso em 30 jul. 2026.

Dado o exemplo, percebemos como o neoconservadorismo brasileiro manifesta-se como uma estrutura de poder (afinal, estamos falando de uma figura presidencial) ao reinterpretar as tensões raciais sob a égide da identidade nacional homogênea. Seus pressupostos operam na substituição da análise estrutural das desigualdades por uma retórica de universalismo abstrato — sintetizada no enunciado "somos todos seres humanos", "somos todos iguais", que visa deslegitimar políticas de reparação histórica ao rotulá-las como fontes de divisão social. Nesse regime de verdade, o racismo é deslocado do campo institucional para o campo do desvio de caráter, onde a denúncia da opressão é patologizada como "vitimismo" e qualquer afirmação de subjetividade negra que subverta as hierarquias tradicionais é lida como uma agressão à ordem, como no enunciado "se fosse o contrário?". Assim, o projeto neoconservador utiliza a (des)colagem de valores tradicionais morais para manter a ilusão de que a igualdade entre raças existe.

## **A (des)colagem como prática tecnodiscursiva**

Propomos o conceito de (des)colagem para descrever a prática tecnodiscursiva pela qual discursos neoconservadores se apropriam, fragmentam e rearticulam elementos de discursos de comunidades minorizadas, produzindo efeitos de neutralização, reversão à vista da legitimação de posições hegemônicas.

Para ilustrá-la, trouxemos a metáfora da colagem enquanto processo artístico de fratura e rejunte. Vale dizer que, historicamente, o processo de manipulação de imagens para produzir efeitos discursivos que vão na contramão de outros posicionamentos discursivos pode ser exemplificado no caso da falsificação de imagens durante o período soviético. O designer histórico David King (1997) fez uma incursão na União Soviética para coletar imagens originais e suas adulterações realizadas pelo governo stalinista a partir de 1917. No seu livro *The Commissar Vanishes*, relata que havia processos de remoção de sujeitos políticos contrários a Stalin, bem como a inserção da figura deste último em eventos nos quais ele nunca estivera. Esse era todo o trabalho de um departamento político de manipulação dos acontecimentos discursivos para beneficiar o grupo hegemônico que estava, naquela época, no poder.

Segundo King (1997, p. 12), levou-se anos para encontrar as fotografias originais, visto que muitos cidadãos, por medo das repressões políticas, destruíram os arquivos fotográficos. Naquela época, a pesquisa por esses documentos dependia prioritariamente de um trabalho historiográfico ou institucional que levava um tempo considerável para a apresentação ao público, como o caso da própria produção do livro de King. Na atualidade, com a expansão dos dados na *web*, com a presença de mecanismos de busca e filtragem, há uma maior agilidade no acesso a informações oficiais (nos repositórios acadêmicos, por exemplo, mas também nos acervos históricos como a Fundação Biblioteca Nacional). Apesar disso, não devemos esquecer que essas mesmas informações não são “intocáveis”, pois podem ser adulteradas na criação de novos enunciados postados em redes sociais ou em outros *sítes* da *web*.

Considerando outras circunstâncias históricas, há trabalhos que visam interpretar processos de manipulação de imagens como uma estratégia de ressignificação e resistência, incidindo sobre um passado a ser “curado”, como é o caso da dissertação de Silveira (2023), que analisou a técnica da colagem em obras brasileiras com recontextualização do período oitocentista. Em uma via contrária, que não organiza a emancipação e sim a manutenção discursiva por meio de uma tentativa de hibridização, reorientamos a noção artística da colagem para estruturar um quadro analítico para os estudos de práticas tecnodiscursivas. Assim, a escolha pela alusão decorre de uma oposição dos processos de ressignificação — ou cura — propostas pelo trabalho de Silveira, por exemplo, produzindo novas fissuras e, por isso mesmo, nomeamos a tentativa como (des)colagem.

Mergulhando no processo, para a construção de uma colagem, é necessário que façamos a seleção de uma ou mais imagens-base, ou seja, um destacamento. Esse movimento sempre implica uma apropriação: “toda colagem parte, inevitavelmente, de uma imagem, fragmento de imagem, ou um simples pedaço de papel apropriado” (Silveira, 2023, p. 49). Sabemos que todo texto é situado, carregado de marcas discursivas, de posicionamentos, de condições sócio-históricas (é um arquivo, portanto) que não podem ser apagadas. Esse movimento de seleção e de apropriação, nas situações que visamos descrever, são sempre sequestradas de um acontecimento discursivo, seja de ordem institucional (a conquista de um direito por comunidades marginalizadas), seja de

acontecimentos discursivos localizáveis e incorporados por dispositivos midiáticos (notícias e reportagens, por exemplo). É na fragmentação da imagem de base que se operam as tentativas de cobrir os vãos com os rejuntas contradiscursivos, ou seja, a própria (des)colagem.

Após o destaque do fundo, ou seja, do acontecimento discursivo desestabilizador do quadro conservador, acontecem as tentativas de reconstituição de uma nova imagem por meio da justaposição ou sobreposição, isto é, a própria colagem em si. Imaginemos uma fotografia rasgada em vários pedaços — representativos dos discursos minorizados — e materializados no acontecimento discursivo. A justaposição é a tentativa de preenchimento dos vazios entre os espaços, reconstituindo a imagem original por efeito de homogeneização discursiva. Isso porque, embora haja a tentativa de promover uma continuidade fragmentada, não é possível apagar as fraturas dado que os traços originais das imagens-base não são apagáveis (relativas ao arquivo), ainda que neutralizadas. No caso da sobreposição, salientamos aquela que incide em casos de produção de vídeo, enquanto uma técnica de montagem, com o sujeito (des)colagista em primeiro plano ou inserido de forma sobreposta ao acontecimento destacado para a realização dos rejuntas, conforme veremos no primeiro caso de procedimento analítico.

A (des)colagem produz um efeito Frankenstein: uma unidade artificial construída a partir de fragmentos heterogêneos, cuja aparência de totalidade mascara suas fraturas constitutivas. Tal efeito se segue da ampliação, mais concernente à atuação dos usuários e da força algorítmica, ou seja, de como esse discurso é potencializado pelas redes sociais e suas funcionalidades dos comentários, republicações, mixagens, ou mesmo a citação parcial ou integral do discurso neoconservador. Outros sujeitos não apenas compartilham e difundem a (des)colagem realizada, na produção de cópias, mas também podem atuar sobre a nova imagem, adicionando novos elementos por novas estratégias de sobreposição ou justaposição, geradoras de novas fraturas.

Por fim, as cópias e as novas (des)colagens têm o potencial de legitimar a nova imagem, uma vez que sua repetição e circulação tecnodiscursivas fortalecem o efeito de estabilização do discurso neoconservador e racista, fazendo com que a (des)colagem passe a funcionar como um referente aparentemente autônomo, dissociado de suas condições originais de emergência. Em outras palavras, dados os efeitos de hibridização e de

homogeneização, há um efeito de esvaziamento dos traços filiados ao acontecimento discursivo destacado. Gera-se uma nova imagem de tal modo que não é possível reconhecer o arquivo que constituiu a imagem original. Esse processo fortalece os discursos dominantes, penetrando dispositivos políticos-culturais e passando a engendrar projetos de leis, por exemplo.

Sintetizamos no quadro 1 as etapas do que estamos chamando de prática tecnodiscursiva de (des)colagem.

**Quadro 1.** Etapas da (des)colagem

| <b>Destacamento</b>                                       | <b>Rearticulação</b>                                                            | <b>Ampliação</b>                                                                                                               | <b>Validação</b>                                                                                                                               |
|-----------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Acontecimento discursivo a ser apropriado e neutralizado. | Estratégias de justaposição e sobreposição discursivas de uma pauta minorizada. | Circulação tecnodiscursiva da colagem, por meio de<br>1. produção de cópias;<br>2. aderência de novos elementos na composição. | Manutenção do discurso neoconservador por meio do acionamento de um dispositivo político-cultural contradiscursivo às comunidades minorizadas. |

Fonte: elaborado pelas autoras.

É importante apontarmos, ainda, que a difusão dessa prática possibilita a emergência de processos de ressignificação da comunidade que sofreu o destacamento ou mesmo outras comunidades.

### **Caso Jonas e Leandro (Big Brother Brasil 2026)**

Para a análise, trouxemos dois casos enunciados pelos (des)colagistas como “racismo”. Eles foram escolhidos em função da temporalidade mais recente (começo de 2026 e final de 2025, respectivamente) e por terem, cada um, acionado muitas postagens e possibilidades de recuperação em uma rápida pesquisa em mecanismos de busca. Assim, com o apagamento das postagens, é possível encontrarmos outras amostras que, da mesma maneira, poderiam nos suscitar novas análises de (des)colagem.

Ainda, demos destaque a duas redes sociais diferentes, embora pertencentes à mesma companhia: a *Meta*. Focamos no *Instagram* e no *Facebook*, materializados no *Reels*

e nas postagens, respectivamente. Em conformidade com a perspectiva “ecológica” de Paveau (2021a), priorizamos lembrar sempre das marcas dos ecossistemas, sobretudo considerando a ampliação.

O acontecimento discursivo destacado para compor o pequeno *corpus* deste trabalho é um recorte de um episódio do *reality show* Big Brother Brasil (BBB). O programa televisivo foi escolhido em função de sua audiência massiva, que é a maior desse segmento (Lima, 2023). A título de exemplo, no caso que visamos destacar, ele foi selecionado por ser considerado um espetáculo que expõe a milhões de pessoas a situação real da vida de cidadãos comuns (aqui representados por Jonas e Leandro). Essa espetacularização é discutida em “Sociedade do Espetáculo”, obra de Guy Debord (1997), que trata da forma como imagens e ícones da vida do homem comum são reproduzidos pelos meios de comunicação. Na mesma direção, confirmando essa espetacularização, Quirino e Maia (2023) escrevem:

Um produto dessa sociedade do espetáculo é o reality show Big Brother Brasil (BBB), fenômeno de audiência desde a sua estreia, o programa de origem holandesa conecta-se com milhões de telespectadores a partir de uma premissa base: unir perfis de indivíduos diversos, confiná-los em uma casa vigiada por câmeras e ouvida por microfones, fazê-los absorver uma dinâmica de poder, em que existe um jogo com o objetivo de eliminar os seus concorrentes, e fazer com que o público-espectador seja o grande soberano e escolha semanalmente um participante para ser eliminado (Quirino; Maia, 2023).

Na chamada sociedade do espetáculo, aspectos da vida real se transformam em espetáculo com fins comerciais e lucrativos — é o que acontece com o BBB, hoje um espaço de destaque para grandes investimentos em publicidade e potencial midiaticização.

O enunciado que nos propomos analisar é o caso de Jonas e Leandro que tomou grande proporção audiovisual sendo publicado por perfis de redes sociais que atingem grande número de seguidores (usuários de redes sociais) e republicados em muitos outros veículos de circulação digital, como o caso, a título de exemplo, da conta do perfil de Hugo Gloss, que atingiu 2,8 mil compartilhamentos e 1,3 mil comentários, além de poder ser visualizado por seguidores que não curtiram, compartilharam, mas que leram a postagem. Isso se repete em diversas outras contas do Instagram e Facebook, inclusive no perfil do *reality show* e em diversos perfis de programas exibidos pela Rede Globo (o @gshow, no

Facebook, possui 16 milhões de seguidores e a postagem do caso do BBB rendeu mais de 71 mil curtidas, 1,7 mil comentários e 473 mil visualizações). Sendo, praticamente, impossível determinarmos a quantidade de pessoas atingidas pela publicação.

O enunciado capturado é o instante em que o participante Leandro, homem negro, com apelido de Boneco, surge no momento em que Jonas, um homem branco, lava o banheiro da casa em que estão isolados. Ao chegar, Leandro diz precisar ver aquela cena — Jonas lavando o banheiro. nesse momento, Jonas se aborrece e questiona Boneco, travando o diálogo, cujo fragmento explicita-se em:

- (1) — “Cê acha que é vergonha pra mim limpar banheiro, BONECO?” - indaga Jonas.  
 — “Não acho nada. Eu só quero assistir e ter a alegria de ver essa cena, agora somos iguais!”

Vale destacar que a escolha pelo enunciado com menor engajamento se deu, justamente, para explicar que a (des)colagem provoca desdobramentos que migram de volume - podendo ocorrer em publicações de grande número de engajamento, como em publicações de menor alcance virtual, mas que não descaracteriza a presença da etapa de ampliação da (des)colagem.

Para a análise, utilizamos o *Reels* do *Instagram*, publicado pelo perfil @crentenews, em 06 de fevereiro de 2026 em que o usuário, por meio do *react* — método de edição de vídeo em que uma cena destacada é analisada a partir da percepção de um comentador, no caso, o sujeito (des)colagista. O referido *Reels* que compõe o *post* é um gênero discursivo da esfera digital, que, na perspectiva ecológica de Paveau, é entendido aqui como um tecnôgênero. Vale salientar que o objetivo emergente do nosso trabalho é analisar a captura de tela e os comentários referentes a ela.

**Figura 3.** Destacamento do caso Jonas e Leandro no BBB 2026



Fonte: @crentenews no *Instagram*.

É possível perceber que um homem branco carrega uma vassoura e um pano, simbolizando que está fazendo a limpeza, e um homem preto sentado observando, com um diálogo iniciado, nota-se, pela fisionomia e postura do participante Jonas que o olhar de Boneco o incomoda. A escolha por identificar a atitude de Leandro como “deboche” opera na retomada de um discurso que nega o racismo ao construir uma imagem de agressor ao homem preto. Essa escolha não é vista de forma isolada, mas é integrada a um conjunto de estratégias enunciativas que invertem o quadro entre “opressor” e “oprimido”. Mais propriamente na realização do vídeo, com o sujeito (des)colagista editado de forma sobreposta à cena destacada, é conduzida uma nova leitura da situação.

Quanto aos processos de justaposição, no vídeo, são identificados enunciados que operam na neutralização do racismo, recorrendo a efeitos de homogeneização social, como em “todo mundo é igual perante Deus” (filiando-se ao discurso cristão) e “eu não vejo diferença nas pessoas, mas parece que eu tenho que ver”. Quanto a essa última parte, além de propor uma simetria entre sujeitos, é notada a insuportabilidade (estrutural) da diferença, pois coloca o sujeito branco como “inimigo”: “da forma que se coloca ali parece

que todo mundo é [racista]”, atitude essa entendida como “forçar o racismo” e sintetizada na inversão hipotética “e se fosse o contrário?”.

Além disso, o sujeito remete à sua construção intersubjetiva ao dizer que “eu tenho amigos [negros]”, enunciado que assume para o (des)colagista uma identidade moral que o coloca como vítima da ação daqueles que chama de “brancos esquerdistas”, desqualificando a pauta antirracista, propondo uma simetria abstrata. Ainda, ao se remeter a um estatuto político historicamente ocupado por brancos, mas, agora, ocupado por negros: “nós tivemos um presidente americano negro”, o (des)colagista faz uso do processo metonímico para afirmar que, a partir de um acontecimento individual, ocorreu a superação racial. Dessa forma, ele se apresenta como alguém justo, que defende a igualdade racial e afirma que ela já existe, desde que o negro (mesmo que seja apenas um) assumiu um cargo de poder, reivindicando a neutralidade das ações e o apagamento do contexto histórico. Ainda, essa “superação racial” pode ser percebida na realização do enunciado “eles fazem piadas com a própria cor”. Dado que o discurso da “igualdade” confere o mesmo estatuto entre “brancos” e “negros” e que o uso de designações pejorativas é “aceitável” pela própria comunidade ofendida, a violência simbólica é naturalizada e o conflito é neutralizado, pois o próprio grupo consente a ofensa, segundo o quadro montado pelo (des)colagista.

Após a (des)colagem ser postada na rede social, o discurso amplia-se, difunde-se e busca validação. Em síntese, essa construção enunciativa levanta questões acerca da relação do homem preto com o homem branco, invertendo as posições desses quanto ao racismo. Com essa postagem, o perfil @crentenews assume um posicionamento e interpela os seguidores da página a se filiarem ao seu discurso com a finalidade de fazer circular o *post* pelas mais diferentes redes digitais e com grande número de engajamento, ocorrido por meio dos compartilhamentos, republicações, curtidas, comentários, o enunciador procura pela validação do seu discurso.

Ele se ancora na manutenção de discursos neoconservadores, que buscam, com ataques às minorias, propor uma situação de “igualdade para todos”, como é o caso do (des)colagista que, ao destacar o acontecimento e comentá-lo por meio de *react*, acaba por enfatizar discursos que compõem um simulacro de igualdade. Ao lermos os comentários, podemos perceber que há uma validação desse discurso por parte dos seguidores da

página, mas que não é possível encontrar nada substancial ou jurídico e/ou científico que justifique a tentativa de destacamento como uso de estratégia discursiva justaposta e legitimada por uma comunidade minorizada.

Passamos a verificar como opera a circulação desse enunciado. Atualmente, o vídeo conta com 378 curtidas, 110 comentários (somando Facebook e Instagram) e 39 compartilhamentos. Dos 110 comentários publicados, selecionamos 8 para verificarmos a ocorrência da ampliação e podermos observar se houve circulação tecnodiscursiva com a reprodução do enunciado e aderência de elementos tecnoliguageiros que acabam por validar o neoconservadorismo como discurso.

- (1) “Exige tanto respeito e **igualdade**, faz pior. Esse infelizmente é o reflexo do Brasil”.
- (2) “Nunca vai acabar o **pré conceito** por causa deles mesmos. Se fosse o cara branco falando isso queriam expulsar”.
- (3) “**Vitimismo** a palavra correta, pessoas que se menosprezam para **se fazerem de vítimas!**”.
- (4) “Tem q processar, **direitos iguais**”.

O comentário (1) opera por acusação inversa, transforma a reivindicação por “respeito e igualdade” (discurso da luta antirracista) em prática moralmente condenável (“faz pior”). Com isso, há uma deslegitimação do movimento por igualdade (“reflexo do Brasil”), uma generalização quanto aos sujeitos, afirmando que o problema não é o racismo, mas “essas pessoas”, transformando em moralidade o que, de fato, é crime. Além disso, há a proposição de uma falsa simetria, no instante em que afirma que, ao pedirem igualdade, “essas pessoas” “faz pior”, propõe-se aqui uma igualdade entre opressor e oprimido — noção fundante do racismo reverso. Na mesma direção, o (4) busca reforçar o princípio da igualdade, o enunciado “Direitos iguais” é mobilizado como argumento contra políticas ou falas que reconhecem a desigualdade estrutural, contrapondo a existência do racismo estrutural. Enquanto isso, o (3) sugere a individualização do problema “Pessoas que se menosprezam” desloca o foco da estrutura social para a subjetividade do sujeito racializado. O enunciado evoca a performance oportunista, ao inverter as posições dos sujeitos envolvidos, numa tentativa de neutralização da fala antirracista. Nesse movimento, como observa Amossy (2017, p. 57), “a desqualificação da tese, geralmente, acompanha a desqualificação da pessoa ou do grupo que ela representa [...]”. O adversário é considerado

à parte a fim de que seja privado de toda possibilidade de exercer legitimamente, e eficazmente, sua influência".

O enunciado proferido no comentário (2) expõe estratégias focadas no discurso hegemônico. "Nunca vai acabar [...] por causa deles mesmos" ocorre o deslocamento da responsabilidade do racismo para o próprio grupo racializado. Nesse procedimento, como observa Amossy (2017, p. 56), toda a estratégia polêmica se organiza para "gerar o descrédito do adversário e o discurso que ele presumidamente sustenta". Na tentativa de apagamento histórico, é criada a situação hipotética de inversão da desigualdade "se fosse o branco...", produzindo o efeito de injustiça contra o grupo majoritário. Trata-se do que Amossy (2017, p. 53) descreve como tendência à dicotomização, que "torna problemática a busca por um acordo" ao construir dois polos como posições simétricas e intercaladas, apagando a hierarquia histórica que os diferencia.

A complexidade do acontecimento é, assim, associada a um julgamento moral absoluto, em que a vítima da estrutura é convertida em agressora do convívio social, expondo a estratégia de silenciamento e culpabilização. Essa mesma postagem foi publicada na rede social *Facebook*. Eis a transcrição de alguns comentários que surgiram:

- (5) "É isso mesmo o que está acontecendo. O que interessa não é a cor da pessoa e sim o seu caráter. "
- (6) "Verdade esse boneco provocou o Jonas pra ver se o Jonas ia falar de racismo pra ele queimar o Jonas."
- (7) "Verdade mesmo daqui um pouco nós que vamos sermos escravos não falta mais nada."
- (8) "Falu tudo, hoje não se pode nem elogiar um negro que eles acham que é deboche."

O contradiscurso presente nos comentários tenta isolar o fragmento (o ato de lavar o banheiro) do sistema histórico de poder para focar no "deboche" individual, a imagem tenta criar a ilusão de que as relações de poder se inverteram, ignorando as injustiças e desigualdades econômicas e sociais, afirmando que o branco sofre racismo. Ao utilizar os recursos digitais para publicar a imagem, o (des)colagista sugere que o "privilégio" mudou de lado. Ao colocar o participante branco em uma posição de servidão temporária, o destacamento captura esse "visível" para alimentar o pânico moral do seu público-alvo, sugerindo que a justiça social é, na verdade, uma nova forma de tirania e que a vítima agora

é o homem branco (ofendido), como pode ser notado no enunciado presente no comentário (7), “daqui um pouco nós que vamos sermos escravos”.

Assim, o (des)colagista assume o papel de enunciador de um discurso que busca validar a tese de que o “racismo reverso” é real, transformando um momento corriqueiro de convivência em um símbolo de “perseguição” ao homem branco. Ao dizer que o participante “debocha”, o autor da imagem tenta fixar o homem negro no papel de agressor, ofensivo, reforçando estereótipos para ampliar os discursos de igualdade. A projeção dessa imagem autoriza a lógica do oitavo comentário, em que o usuário se apropria dessa designação, operando na estabilização da figura negra como “agressora”.

Em síntese, o instante discursivo analisado é um dispositivo de manutenção do discurso neocorervador. Ele utiliza-se do *react* para transformar um evento em uma tentativa de colocar o opressor histórico na situação de vítima, numa proposta de afirmar a existência do racismo reverso. Podemos observar no comentário (6): “Verdade esse boneco provocou o Jonas pra ver se o Jonas ia falar de racismo pra ele queimar o Jonas”. Nesse enunciado, o discurso antirracista não é simplesmente negado - ele é introduzido para ser destruído por dentro. É o que Maingueneau (2008, p. 108) descreve como homeopatia pervertida: a polêmica “introduz o Outro em seu recinto para melhor afastar sua ameaça, mas esse Outro só entra anulado enquanto tal, simulacro<sup>7</sup>”. Leandro é admitido na cena como sujeito, mas convertido em simulacro - não mais um homem negro que reivindica reparação histórica, mas um agente de armadilha que instrumentaliza o discurso do racismo contra o homem branco. Assim, a tentativa é a de afirmar a existência da vitimização do homem negro que se utilizaria da fala do homem branco para “reverter” o discurso, acusá-lo da prática de racismo.

---

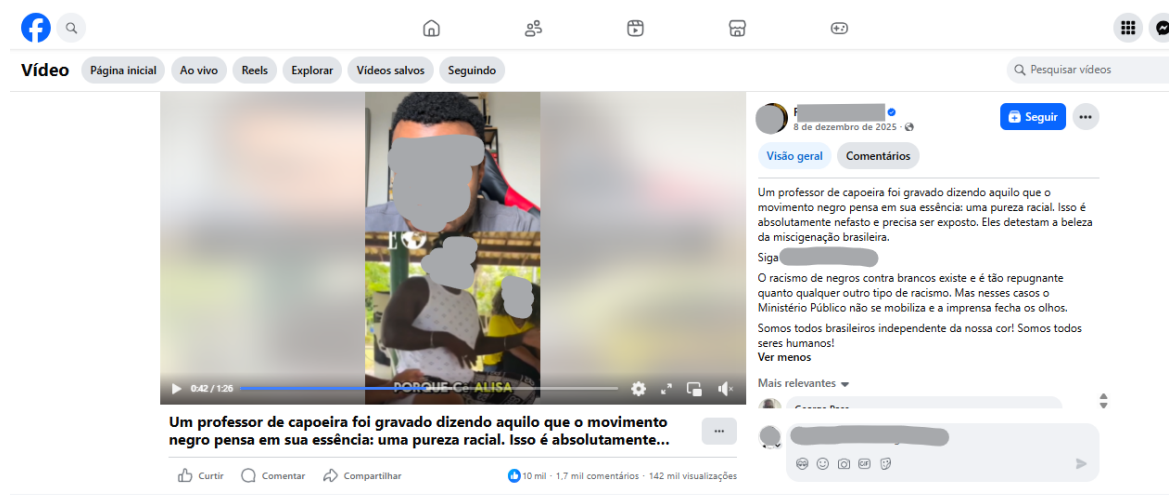
<sup>7</sup> O simulacro, nos termos de Maingueneau (2008, p. 21), é a imagem distorcida que um discurso constrói do Outro a partir de suas próprias categorias semânticas. O discurso-agente não se relaciona com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que dele produz, uma versão invertida que parece referir-se ao original, mas é apenas seu avesso.

## Caso do professor de capoeira

No começo de dezembro de 2025, foi repercutido em perfis um vídeo de um professor de capoeira negro em uma roda de conversa informal. A postagem da gravação é atribuída ao sujeito jornalista Luiz Bacci, segundo agências de comunicação (Professor de capoeira..., 2025; Torres, 2025). No vídeo publicado em seu *Instagram*, destaca-se o trecho em que o professor diz “hoje eu faço um trabalho único, na Bahia, de dar aula para pessoas pretas. Não dou aula para brancos. Não quero jogar com branco. Se ele vim, vou bater nele. Não é para ele estar onde eu estou. Ele não deve, simples assim”. Esse pode ser considerado o acontecimento discursivo deflagrador em que ocorreu o destacamento, cujos traços discursivos estão inscritos em questões raciais.

Apesar da postagem no perfil do jornalista ter sido apagada, o destacamento não foi realizado apenas por ele, mas o acontecimento foi apropriado por outros membros de comunidades digitais, que é facilmente recuperada em uma busca por “professor de capoeira negro contra brancos” e outras estruturas semelhantes em mecanismos de busca, como o *Google*, dado o princípio de relacionalidade dos tecnodiscursos (Paveau, 2021a). Cada uma das postagens relativas à pesquisa possibilitaria a análise dos procedimentos de rearticulação. Escolhemos, para o caso em análise, uma postagem em outra rede social, o *Facebook*, como exemplificação. Foi realizada por um vereador do Estado de São Paulo, conforme a figura 4.

**Figura 4.** Destacamento do acontecimento discursivo do professor de capoeira



Fonte: Facebook.

De forma semelhante ao caso comentado na subseção anterior, vemos na incorporação do vídeo, a configuração de um *react*, com a justaposição, ou seja, com o acontecimento discursivo deflagrador embaixo, e o sujeito (des)colagista em cima. Após a apresentação da situação destacada, se segue a sobreposição (vemos apenas o sujeito que fez a [des]colagem) e as suas estratégias de justaposição. Na legenda associada ao vídeo, há o seguinte enunciado:

- (2) Um professor de capoeira foi gravado dizendo aquilo que **o movimento negro pensa em sua essência: uma pureza racial** [2]. Isso é absolutamente nefasto e precisa ser exposto. Eles detestam a beleza da **miscigenação brasileira**. [1] **O racismo de negros contra brancos existe** [2] e é tão repugnante quanto **qualquer outro tipo de racismo**. [1 e 2] Mas nesses casos o Ministério Público não se mobiliza e a imprensa fecha os olhos. **Somos todos brasileiros independente da nossa cor! Somos todos seres humanos!** [1]

Nessa legenda, uma síntese das estratégias do vídeo, vemos a justaposição de duas maneiras. Os enunciados marcados em [1], como “miscigenação brasileira”, “qualquer outro tipo de racismo” e, ainda, “somos todos brasileiros”, apelam para um todo supostamente homogêneo. Ao invocar um enunciado universal abstrato (“somos todos humanos”, “qualquer outro tipo de racismo”) ou, ainda, recorrer a processos históricos de equivalência de racialidade (“miscigenação”) apaga-se a dimensão histórica e estrutural do racismo. Essas diferenças são substituídas por uma identidade coletiva homogênea. Ainda, o acontecimento deixa de ser interpretado em sua complexidade e passa a ser enquadrado por um julgamento moral absoluto.

Ainda à vista do efeito totalizante, mas agora assumindo que o racismo existe, os enunciados em [2] demonstram como a justaposição é invertida. Há agora a apropriação da pauta, a assunção de que ela existe, porém, apagam a historicidade: “o racismo de negros contra brancos existe”. Dado que todos são iguais (a imagem produzida deriva do efeito de um “mesmo” e não um de um “outro”), os sujeitos negros também seriam racistas, e essa é a tentativa de inversão, redefinindo o estatuto entre a comunidade oprimida e a comunidade opressora, exemplificado em “o movimento negro pensa em sua essência: uma pureza racial”. A “pureza racial”, inclusive, opera pelo interdiscurso, dada a relação a movimentos nazifascistas e ultraconservadores, como o regime nazista alemão do século passado, agora redirecionado para a comunidade negra. Assim, o efeito ilusório de simetria

opera na atribuição de traços relativos a movimentos conservadores à comunidade marginalizada.

Identificadas as estratégias de justaposição, passamos a verificar como opera a circulação desse enunciado principal. Até o presente momento, o vídeo conta com 10 mil curtidas, 1.7 mil comentários e 142 mil visualizações. Essas possibilidades de interação — considerando que estamos falando de apenas *uma* postagem em um universo em que cada resposta à pesquisa do mecanismo de busca deriva uma (des)colagem — promovem a circulação do discurso neoconservador. Como dissemos na apresentação do quadro analítico, a característica de ampliação possibilita a adesão de comentários que podem acrescentar novos elementos de justaposição. Nesse sentido, trouxemos:

- (3) “Segundo o STJ não existe racismo de negros para pessoas de qualquer outra cor, então para a lei brasileira esse cidadão não cometeu nenhum crime, mostrando a realidade das leis desse país chamado Brasil.”

Podemos visualizar a justaposição de dois elementos para efeito de simetria: o acontecimento discursivo destacado (fala do professor de capoeira) inserido em um novo quadro da enunciação principal *mais* o segundo elemento, sendo ele o discurso jurídico atribuído ao STJ e à lei brasileira. Esses dois fragmentos são colocados em relação direta. O comentário reafirma a (des)colagem principal, a estabilizando, acrescentando à nova imagem o deslocamento — pelo questionamento — de um discurso jurídico que ampara as comunidades negras. Podemos encontrar traços da universalização, já que se busca “igualizar” a lei racial, e de inversão, pois o sujeito negro do vídeo é enunciado como “criminoso”. Importante dizer, ainda, que o estatuto da “brasilidade” é trazido tanto no comentário quanto na enunciação principal, pois o discurso neoconservador abrange, por ele mesmo, várias pautas de (des)colagem.

Com os novos acréscimos a essa prática, promovendo a circulação discursiva, há a manutenção do dispositivo político-cultural, como pedidos sintetizados no comentário analisado, um convite à reavaliação da lei contra o racismo. Apesar de ter acontecido meses antes do caso do sujeito professor de capoeira, podemos citar outro dispositivo em forma de projeto de lei, o PL 283/2025, que visa alçar legitimidade ao discurso racista e que se ancora em práticas tecnodiscursivas como essas que descrevemos. Revestida do efeito

totalizante da justaposição, diz um parágrafo do projeto ainda em trâmite: “Esta Lei altera a Lei nº 7.716, de 1989 (Define os crimes resultantes de preconceito de raça e cor) para dispor que os crimes podem ser cometidos contra pessoas de qualquer cor, raça, etnia, religião ou procedência nacional” (Kataguri e Stephanes, 2025), promovendo o apagamento do arquivo referente ao racismo estrutural.

O enunciado legislativo constitui a etapa de validação da (des)colagem, que é a manutenção do discurso neoconservador por meio do acionamento de um dispositivo político contradiscursivo às comunidades minorizadas. O PL replica internamente a operação de simetria hipotética identificada nos posts de redes sociais, inclusive a do próprio ex-presidente ao dizer que “somos todos iguais” (Figura 2): ao equiparar legalmente qualquer discriminação por cor independentemente da posição estrutural dos sujeitos, propõe o apagamento do arquivo racial que fundamentou a criação da própria Lei 7.716/1989. A homogeneização discursiva (“pessoas de qualquer cor”) é o instrumento jurídico da (des)colagem. O efeito é a tentativa de institucionalizar o simulacro do “racismo reverso” no ordenamento jurídico brasileiro.

## **Algumas conclusões**

Com as descrições da prática tecnodiscursiva que intitulamos de (des)colagem, nos acontecimentos discursivos destacados, agora fazemos a retomada do quadro analítico apresentado, com o preenchimento de suas etapas:

**Quadro 2.** Prática discursiva de (des)colagem do “racismo reverso”

| Destacamento                                                                                                                                                                                                        | Rearticulação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | Ampliação                                                                                                                                                                                           | Validação                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O acontecimento discursivo original é a interação entre Leandro e Jonas no BBB, marcada pela fala “agora somos iguais”. Esse enunciado emerge em um contexto específico de memória racial e desigualdade histórica. | <p><b>Sobreposição:</b> sujeito (des)colagista em primeiro plano, assumindo a justaposição do destacamento; em que a rearticulação se dá a partir da:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Inversão dos papéis (branco que sofre racismo em detrimento do homem preto)</li> <li>• Relação interdiscursiva apoiada na totalização ou universalização de direitos, numa tentativa de expor a perda dos direitos do homem branco.</li> </ul> | Inversão do discurso antirracista, adoção do discurso do racismo reverso (e neoconservador) por meio de comentários filiados, compartilhamentos, curtidas acompanhados ou não de outros enunciados. | <p>Projeto de lei, o PL 283/2025, que visa alçar a legitimidade do discurso racista com ancoragem tecnodiscursiva.</p> <p>Tentativas de manutenção do dispositivo legal “Lei nº 7.716” pelo efeito de homogeneização discursiva, ainda em vigor nas esferas legislativas.</p> |
| Recorte da fala do professor de capoeira que afirma não dar aula a pessoas brancas, isolada de sua situação de enunciação.                                                                                          | <p><b>Justaposição:</b> sujeito (des)colagista em um quadro acima e o acontecimento discursivo destacado abaixo, em que se exerce a rearticulação por:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Inversão entre figura “oprimida” e figura “opressora”;</li> <li>• Relação interdiscursiva entre o arquivo de regimes nazifascistas como “pureza racial” relacionadas ao discurso antirracista.</li> </ul>                                     | Inversão do discurso jurídico que ampara o discurso antirracista, agora apoiando o discurso racista (e neoconservador).                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                               |

Fonte: elaborado pelas autoras.

Com a síntese agora adicionada, o quadro nos parece pertinente para operacionalizar as estratégias apontadas por Monti (2022), no que diz respeito à “minimização do racismo estrutural” e a “inversão semântica das políticas antirracistas”, localizando-as diretamente nos instantes discursivos em que fazem a retomada dos acontecimentos para a sua apropriação.

Assim, vemos que o sujeito (des)colagista interpõe fragmentos discursivos que recobrem o acontecimento original, sem apagá-lo completamente, mas reorientando sua legibilidade. Vemos, também, que o efeito geral é de que se opera uma rearticulação do acontecimento por meio de estratégias como inversão semântica (vítima → agressor), moralização ou produção de equivalências artificiais. Tal sujeito é imprescindível para a prática de (des)colagem, uma vez que ele se torna o mediador interpretativo, orientando a leitura dos demais sujeitos e condicionando os efeitos de sentido possíveis.

A reprodução do quadro analítico nos permite investigar outras ramificações de processos contradiscursivos que investigamos em um trabalho atual de doutoramento. As relações tecnodiscursivas se mostram fundamentais, dado que a realização algorítmica e a ampliação dos usuários atuam como mecanismos de legitimação coletiva da (des)colagem, estabilizando movimentos discursivos que contribuem para a manutenção do discurso neoconservador. Ainda, é válido dizer que a ferramenta proposta não se restringe ao espectro neoconservador, podendo ser mobilizada para a análise dos mais diversos campos e discursos políticos.

Em síntese, a formulação da (des)colagem corrobora os estudos discursivos ao oferecer um método analítico capaz de descrever práticas de apropriação e tentativas de neutralização discursivas nos espaços digitais, ampliando o alcance das análises sobre a manutenção de discursos hegemônicos na contemporaneidade.

## Referências

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Tradução de Mônica Zoppi Fontana. São Paulo: Contexto, 2017.

CLEMENTE, Cíntia Damasceno. (Neo)conservadorismo, poder legislativo e as ameaças aos direitos das mulheres no Brasil contemporâneo. *In*: BARROCO, Maria Lucia Silva (Org). **Ética, direitos humanos e neoconservadorismo**. São Paulo: EDUC, 2021. p. 83-94.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. O A *Priori* Histórico e o Arquivo. In: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 143-149

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

LOURENÇO, Julia; BARONAS, Roberto Leiser. Notas sobre uma possível teoria da revascularização discursiva. **ALFA**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 66, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/13708>. Acesso em: 12 fev. 2026.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. Aforização: enunciados sem texto. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Tradução de Ana Raquel Motta. São Paulo: Parábola, 2010. p. 9-24.

MOIRAND, Sophie. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Tradutores Fernando Curtti Gibin & Julia Lourenço Costa. **Revista Linguasagem**, São Carlos, v.36, Dossiê Metodologias de Pesquisa em Ciências da Linguagem, jul./dez. 2020, p. 20-41

MONTI, Isabela Vicente. A política do medo: reflexões sobre o neoconservadorismo à luz da sociologia de du bois. **Nexo**. Online. 28 out. 2022. Disponível em: <https://pp.nexo.jornal.com.br/opiniao/2022/10/28/a-politica-do-medo-reflexoes-sobre-o-neoconservadorismo-a-luz-da-sociologia-de-du-bois>. Acesso em: 12 fev. 2026.

KATAGURI, Kim; STEPHANES, Reinhold. **Projeto de Lei n. 283/2025**. Altera a Lei nº 7.716, de 1989 (Define os crimes resultantes de preconceito de raça e cor) para dispor que os crimes podem ser cometidos contra pessoa de qualquer cor, raça, etnia, religião ou procedência nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, 05 fev. 2025. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2482983>. Acesso em: 10 fev. 2025.

KING, David. **The commissar vanishes**: the falsification of photographs and art in Stalin's Russia. Nova Iorque: Metropolitan Books, 1997.

LIMA, Brenda Figueiredo. **Luz, câmera, agressão**: a responsabilidade social corporativa da Rede Globo em casos de violações a direitos humanos fundamentais no BBB. Orientador: Américo Bedê Freire Júnior. 2023. 118 f. Dissertação (Mestrado em Direitos e Garantias Fundamentais) - Programa de Pós-Graduação em Direitos e Garantias Fundamentais, Faculdade de Direito de Vitória, Vitória, 2023.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Org: COSTA, Julia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser. Campinas: Pontes, 2021a.

PAVEAU, Marie-Anne. A resignificação na web social: princípios teórico-metodológicos. In: PAVEAU, Marie-Anne; COSTA, Julia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser. **Ressignificação em contexto digital**. São Carlos: EdUFSCar, 2021b. p. 19-57.

PREARO-LIMA, Rafael; MEIRA, Franciele de Souza. Análise discursiva de “negro” e “preto” em dicionários de língua portuguesa. **DELTA**: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 1-32, 2024

PROFESSOR de capoeira da Bahia diz que não aceita alunos brancos: "Se ele vim, eu vou bater nele". **Varela Net**, 8 dez. 2025. Disponível em: <https://www.varelanet.com.br/noticias/bahia/professor-de-capoeira-da-bahia-diz-que-nao-aceita-alunos-brancos-se-ele-vim-eu-v-ou-bater-nele>. Acesso em: 18 fev. 2026.

QUIRINO, João Sávio Braga; MAIA, Artur Barbosa Lima. Big Brother Brasil: identificação, sociedade do espetáculo e apogeu da publicidade. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 23., 2023, Campina Grande. **Anais [...]**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2023. p. 1-7.

SILVA, F. **Uso variável do < S > morfológico e fonológico em sintagmas nominais plurais na fala do florianopolitano**. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SILVEIRA, Karina Nery. **Colagem e apropriação fotográfica na arte contemporânea brasileira**: imagens curam imagens. 2023. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/264241?show=full>. Acesso em: 10 fev. 2026.

TORRES, Alex. "Não dou aula para brancos. Se ele vim, eu vou bater nele", afirma professor de capoeira da Bahia; veja vídeo. **BNews**, 8 dez. 2025. Disponível em: <https://www.bnews.com.br/noticias/geral/nao-dou-aula-para-brancos-se-ele-vim-eu-vou-bater-nele-afirma-professor-de-capoeira-da-bahia-veja-video.html>. Acesso em: 18 fev. 2026.

## Sobre os autores

Maria Aparecida Izídio

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2816-4552>

Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEL/UFRN). Membro da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso (ALED) e sócia da Associação Brasileira de Linguística (Abralín).

**Anna Biatrys Moura**Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0303-2245>

Mestranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEL/UFRN). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**André Monteiro Moraes**Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3425-0457>

Doutor em Educação (UFRN), mestre e bacharel em Serviço Social (UEPB). Atualmente colabora com o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Serviço Social na área da Educação (GEPESSSE) organizado pela UFBA, UERJ e UNESP. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em História e Educação de Pernambuco (GEPHEPE) organizado pela UPE. E colaborador no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Proteção Social (GETRAPS/UEPB).